



Cordel Encantado: Uma fábula televisiva construída por meio de arquétipos¹

Maria Adriana Nogueira²

Geilson Fernandes de Oliveira³

Marcília Luzia Gomes da Costa Mendes⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Resumo

Considerada como o gênero narrativo mais popular da contemporaneidade, a telenovela cada vez mais é vista como um lugar de expressão dos mais diversos sentidos. Identificando esta temática como um campo para discussões e pesquisas, o presente artigo visa analisar a produção de sentidos da telenovela *Cordel Encantado*, exibida no horário das 18 h na Rede Globo de Televisão, que ao lidar com o lúdico através de seus personagens, constrói significações arquetípicas. Como procedimento metodológico utilizamos os pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa. Observamos que *Cordel Encantado* diferentemente de outras telenovelas, lida de forma direta com o inconsciente de seus receptores, através de construções arquetípicas que enraizadas no imaginário popular, é pelo público reconhecido.

Palavras-chave: Telenovela, Cordel Encantado; Arquétipos; Produção de Sentidos.

Introdução

A telenovela brasileira, após os seus mais de 40 anos de história, consolidou-se como a produção de maior qualidade e rentabilidade da TV brasileira, sendo exportada atualmente para mais de 140 países e chegando aos mais diferentes recantos do planeta. Depois de passar por diversas modificações, a novela assume a cada dia, uma linguagem que integraliza todo o país, se tornando um espaço legitimado para discussões e debates sobre os mais variados assuntos.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação – 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: nogadriana@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação – 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: geilson_fernandes@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: marciliamendes@uol.com.br



Reconhecido como um gênero televisivo de fácil compreensão, que utiliza uma linguagem simples e de fácil entendimento, a telenovela passou a veicular valores e hábitos, e hoje, mais do que nunca, é vista como um grande produto da indústria cultural. Por este motivo, nos últimos tempos, as telenovelas vêm sendo escolhidas como objetos de estudos nas áreas das ciências humanas e sociais, dado o fato de abordarem questões que tem relações diretas com a vida de seus telespectadores.

Contudo, ainda são muitos os preconceitos que a pesquisa deste gênero sofre, uma vez que é vista por alguns como um objeto de pesquisa raso ou inferior. Entretanto, enganam-se aqueles que são possuidores desta visão, pois se a telenovela é capaz de pautar a programação diária de grande parte da população brasileira todos os dias, fazendo-os aglomerar-se em frente à TV, esta é sim, um objeto profícuo para a realização de pesquisas, como é comprovado por diversos autores, que a partir da década de 1990, começaram a pesquisar este produto de forma mais efetiva, como Nilda Jacks (2008), Lilia Junqueira (2009), Cristina Costa (2000), entre tantos outros autores.

Assim sendo, cada vez mais este produto da indústria cultural é visto com olhares diferenciados, tendo em vista a grande influência que exerce nas mais distintas camadas da população.

Nesse sentido, visualizamos este gênero televisivo como um campo de construção permanente do imaginário social, onde encontramos estruturas sociais que fazem parte do cotidiano de toda a população brasileira, o que alimenta o reconhecimento popular na cultura de massa.

Por este motivo, identificamos a necessidade de investigar de forma mais aprofundada este tipo de produção que se tornou ao longo dos anos genuinamente brasileiro.

Partindo desse pressuposto e identificando a telenovela como um campo para discussões e pesquisas, elaboramos o presente estudo, que visa analisar a produção de sentidos da telenovela *Cordel Encantado*, exibida no horário das 18h na Rede Globo de Televisão, que ao lidar com o lúdico através de seus personagens, constrói significações arquetípicas, que, enraizados no imaginário social, produzem sentidos que vem resultando positivamente para a sua audiência, como vem demonstrando os números do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope). De acordo com esse Instituto, a referida telenovela vem atingindo média de 28 pontos de audiência.

Cordel Encantado, novela das autoras Thelma Guedes e Duca Rachid, se apresenta de uma forma diferente das outras novelas que foram e são apresentadas pela



Rede Globo nos últimos anos. É como se o lúdico dos contos de fadas, com princesas, heróis e bandidos invadissem a teledramaturgia e mostrasse que esse formato também pode ser uma fórmula de sucesso.

Panorama histórico-social da telenovela no Brasil

A televisão chegou ao Brasil somente na década de 50, trazida por Assis Chateaubriand, proprietário de importantes veículos de comunicação da época. A chegada do novo veículo proporcionou grandes mudanças para toda a sociedade brasileira, e logo passou a ser visto como um espelho da realidade, principalmente depois da sua popularização, passando a fazer parte do cotidiano de milhares de pessoas, através de seus mecanismos de massificação e sedução. Atualmente, a TV tem sido o meio mais acessível de informação e entretenimento, tendo o poder de manter o telespectador por horas a sua frente.

Quase todos os lares brasileiros possuem um aparelho televisivo, o que significa que a televisão se tornou parte fundamental da vida das pessoas. Constituindo-se como uma parte orgânica do meio social, e da cultura contemporânea, provocando reações adversas sobre as mais distintas coletividades a partir de sua forma sedutora de transmitir conteúdos.

A telenovela apresenta-se como um dos principais produtos da televisão brasileira, sendo uma das produções de maior audiência e sucesso do país. Originária de tradições, ao mesmo tempo populares e massivas, das narrativas orais, do romance-folhetim e das radionovelas, a telenovela brasileira distingue-se, na atualidade, por ser um produto cultural diferenciado, fruto de especificidades da história da televisão e da cultura no Brasil.

Transmitidas diariamente de segunda a sábado nos lares do cidadão brasileiro, a novela brasileira tem apresentado temáticas específicas de acordo com a faixa etária de cada horário, trazendo em suas narrativas uma versatilidade de temas que fascinam os telespectadores e satisfazem aos mais variados gostos dos mais diversos públicos, desde enredos tradicionais, clássicos, urbanos e realistas, até aqueles que se assemelham a contos de fadas. Os textos contemplam em suas narrativas temas sociais e culturais. Segundo Oliveira e Barreto (2004, p. 05-06):



A televisão na sociedade brasileira se apóia numa estratégia metodológica, que coloca as telenovelas em perspectiva para uma interpretação no plural da cultura brasileira. Vistas de longe, as imagens de ficção parecem janelas para uma contemplação e compreensão das realidades do Brasil; portanto, aposta-se na idéia de que a contemplação dessas imagens pode despertar um conjunto de percepções, favorecendo um conhecimento aproximado do imaginário coletivo brasileiro.

A teledramaturgia brasileira tornou-se um termômetro que capta e expressa à opinião pública, passando a ser um dos mais importantes espaços para debate sobre as condições históricas e sociais do país. Ela retrata temas polêmicos à medida que incorpora e articula no contexto narrativo, os tradicionais dramas familiares e universais da condição humana, onde o telespectador consegue se identificar com os personagens e seus conflitos, justamente por encontrarem semelhanças da ficção com a vida real. Atuando por sua vez no imaginário coletivo e na identidade cultural do país.

Esta capacidade de exacerbar emoções decorre, em parte, do fato de que a telenovela é uma dramatização e representação da vida cotidiana, com todos seus problemas, conflitos, resoluções e comportamentos. Essa noção de que se trata de uma narrativa que conta “como a vida é” atua como um fator que minimiza a distância entre a personagem e o autor, criando a ilusão de que se trata de uma “historia real” (ANDRADE, 2003, p. 58)

Para o pensador francês Edgar Morin (1981), o imaginário próprio da cultura de massa funciona através de mecanismos de identificação dos indivíduos, com os mitos e modelos advindos dos produtos da indústria cultural. Dentro do contexto da teleficção nacional, a telenovela é o formato que mais repercute no país, que por sua vez influencia na construção do gosto, no compartilhamento de valores e ideias. As telenovelas, através das peculiaridades de sua construção narrativa, recriam uma profusão de mitos antigos e recentes que acabam promovendo debates sobre problemas reais. Constituindo um denso território de redefinições culturais identitárias.

Da novela *Cordel Encantado* e a presença dos arquétipos

Estreando em 11 de abril do ano de 2011, a telenovela *Cordel Encantado*, das autoras Thelma Guedes e Duca Rachid, exibida no horário das 18h da Rede Globo de televisão, apresenta como o próprio nome já diz, uma trama sem o compromisso com a realidade. Seu enredo gira em torno de uma fábula que se estabelece a partir do encontro



de dois universos distintos: um reino europeu – Seráfia do Norte, e Brogodó – no Sertão nordestino, tendo como um dos principais temperos o misticismo, o humor e claro, o romance.

Em seu formato, observamos que *Cordel Encantado* apresenta um padrão cinematográfico, o que nos últimos tempos vem sendo uma tendência, após a incorporação da linguagem do videoclipe, mais recentemente da publicidade e agora do cinema, com cenários e figurinos bem trabalhados, além de uma trilha sonora rigorosamente selecionada. Ainda sobre a qualidade em termos de imagem da telenovela brasileira, destacamos a chegada da televisão digital o que proporcionou diversas mudanças na produção televisiva nacional. Nesse sentido, um panorama de transformações pelos que diariamente se deparam com o nascimento da TV Digital, sejam eles telespectadores, sejam eles os que trabalham nesta indústria do entretenimento e da informação.

Diferentemente das outras telenovelas até então exibidas no horário das 18h, a que estamos investigando lida de forma direta com o lúdico de seus receptores, através de personagens arquetípicos, como a princesa, o rei, o herói, o profeta, o fora-da-lei, entre outros. O uso desses arquétipos que agem como fórmulas que chamam a atenção dos telespectadores, podem ser um dos principais motivos para o sucesso desta telenovela frente ao seu público, e é nesse aspecto, o uso de arquétipos enquanto formas que arrebatam a atenção dos consumidores, aqui vistos como receptores, e conseqüentemente produtores de sentidos (JACKS, 2008), que se delinea o presente estudo.

Carl G. Jung é o principal teórico que investiga a constituição do arquétipo na vida em sociedade, como uma parte estruturada do inconsciente coletivo. Segundo ele, desde os mitos antigos, passando pelas fábulas e os contos de fadas, até chegar aos mais recentes sucessos de bilheterias do cinema em todo o mundo, nós caminhamos sempre contando e recontando as mesmas histórias, sempre com a presença dos mitos e arquétipos, que passam a fazer parte de todas as coletividades. Como definição, Jung (2002, p. 353) considera os arquétipos como algo que encontramos:

[...] nas fantasias, nos sonhos, nas ideias delirantes e ilusões dos indivíduos que vivem atualmente. A essas imagens e correspondências típicas, denomino representações arquetípicas. Quanto mais nítidas, mais são acompanhadas de tonalidades afetivas vívidas [...] Elas nos impressionam, nos influenciam, nos fascinam. Têm sua origem no arquétipo que, em si mesmo, escapa à representação, forma preexistente e inconsciente que parece fazer parte da



estrutura psíquica herdada e pode, portanto, manifestar-se espontaneamente sempre e por toda parte.

De certa maneira, os arquétipos são um repertório de imagens e temas comuns à experiência humana que se manifestam de forma simbólica no inconsciente coletivo. Segundo Martino (2009, p. 236) “ver um desses arquétipos é encontrar o conforto de uma experiência prévia e a sensibilidade de compreensão do sentido completo da experiência”.

A partir da perspectiva de Jung (2002), consideramos que alguns arquétipos podem ser identificados na novela *Cordel Encantado*, uma vez que seu enredo é concebido através da narrativa de uma princesa – Açucena (Biana Bin), que até os primeiros capítulos desconhece ser filha de um rei - Augusto (interpretado pelo ator Carmo Dalla Vecchia). Açucena desde pequena é apaixonada por Jesuíno (Cauã Raymond), que foi criado por sua mãe (Claudia Ohana), com a ajuda do coronel Januário (Reginaldo Faria), sem nunca ter conhecido o seu pai, que é o mais temido cangaceiro do sertão - Herculano (Domingos Montagner). Não diferente das outras histórias, temos o vilão - Timóteo (Bruno Gagliasso), que sempre foi apaixonado pela protagonista, mas nunca correspondido, ficando assim entre Açucena e Jesuíno, que na trama é o seu principal rival. No lado mais mítico, temos o personagem Miguézim (Matheus Nachtergaele), dando vida a um profeta nordestino, que em certos momentos, chega a narrar o andamento da trama.

Na trama analisada, podemos afirmar que todos os personagens representam simbolicamente, valores sociais, mas, visando delimitar o presente estudo, elegemos três personagens que serão analisados em sua forma, bem como através dos arquétipos que eles são representados: o herói/anti-herói, o vilão e o profeta.

Caracterização arquetípica dos personagens

Analisando os personagens escolhidos, observamos que Jesuíno pode ser considerado ao mesmo tempo o herói e anti-herói da história, uma vez que enfrenta, após a criação de um bando, o temido Timóteo, e também o seu próprio pai, que ameaça invadir a pequena cidade de Brogodó, caso o seu filho não entre em seu bando de cangaceiros, e se torne o verdadeiro rei do sertão.



No papel de herói podemos caracterizar Jesuíno como aquele que sempre está disposto a atender aos anseios de seu povo, visando principalmente derrotar as forças do mal e proteger os seus, bem como os valores que para ele são sagrados. Para defender os fracos e oprimidos das vilanias, principalmente as de Timóteo, o personagem Jesuíno cria até um lema: “pelo certo e pelo justo”. Assim como o seu pai biológico (Herculano), Jesuíno torna-se à sua maneira um justiceiro.

Não diferente das histórias onde há a presença de heróis, em *Cordel Encantado*, encontramos as fases descritas por Campbell (2007) em *O Herói de mil faces*, onde são destacadas as várias etapas da trajetória mítica do herói, que sempre é marcada por provações, dificuldades e várias lições que o mesmo tem de passar para que possa chegar ao *status* de “salvador”.

Quanto ao papel de anti-herói ou fora-da-lei, ressaltamos, porém, que neste caso o mesmo deve ser visto da forma que Mark e Pearson (2001) distinguem, mostrando-o como aquele que carrega as qualidades mais selvagens e turbulentas da vida, mas sem solapar a sociedade, agindo desse modo diferente apenas para ajudar aqueles que acham justo. Como exemplos de outros anti-heróis ou fora-da-lei que fazem parte de nosso imaginário social e de nosso repertório, e que o vemos de forma positiva, podemos citar as figuras do *Zorro* e o *Robin Hood*, que para ajudar as classes menos abastadas “roubam dos ricos para dar aos pobres”. Mark e Pearson afirmam que “[...] como encontram sua identidade dentro da estrutura social corrente, esse fora-da-lei são fiéis aos valores mais profundos e verdadeiros, não aos valores dominantes” (p. 132).

Quanto ao personagem do vilão, representado na figura de Timóteo, observamos que este diferentemente do fora-da-lei que a pouco foi exemplificado, não possui os princípios acima citados, sendo apenas alienado e raivoso, pronto para sacrificar os outros para conseguir tudo aquilo que almeja. Relacionando estes conceitos ao personagem em questão, verificamos que este, assim como os típicos vilões das histórias dos contos de fada, ou até mesmo das telenovelas, utilizam de todas as artimanhas para atingir os seus objetivos. A obsessão também é uma característica que faz parte desse arquétipo, que busca sucumbir uma sociedade à tirania, à repressão através do cinismo.

Enquanto o herói tem uma identificação com aqueles que estão a sua volta e fazem parte de seu convívio social, o fora-da-lei, na figura do vilão se sente profundamente separado dela, como exemplo disso, lembramos dos personagens das histórias em quadrinhos do Super-Homem e Batman, onde Lex Luthor e Curinga são



alheios aos outros, já que, geralmente tornaram-se maus depois de serem humilhados e marginalizados, por não serem aceitos, bem como por suas vontades não terem sido respeitadas.

Contudo, podemos considerar que este arquétipo tem por si, uma função na sociedade, que é mostrar que nem só de pessoas boazinhas é composto o mundo.

No que se refere ao papel do profeta, onde encontramos o arquétipo do sábio e também do mago, visualizamos em Miguézin a presença de um personagem que é mítico e que faz parte de toda a história da humanidade, através das figuras proféticas que são componentes de todas as religiões. O profeta age como uma representação do mago, como um catalisador que busca transformar e curar aqueles que estão a sua volta, assim como toda a sociedade e suas instituições (MARK, PEARSON, 2001, p. 111).

Um anjo andarilho que busca incessantemente a paz, e passar esta paz para os outros, este é um dos modos pelos quais pode ser representado o profeta, além de ser também aquele que prevê o que está por vir, e que, portanto narra a partir de sua sabedoria todos os acontecimentos. Tentando fazer uma comparação leal do profeta interpretado por Matheus Nachtergaele, podemos associar o seu personagem ao também profeta, mas não fictício Antonio Conselheiro, da Guerra de Canudos. Da mesma forma que Antonio Conselheiro mostrou o caminho ao seu povo, que foi por várias vezes fortemente atacado e vitimado, Miguézim também leva aqueles que o seguem para o caminho que acredita ser o mais seguro, e ainda os defende das atrocidades praticadas pelo vilão. Assim como o profeta de Canudos, bem como tantos outros profetas, Miguézim sabe e aguarda ansioso a chegada do seu rei, que libertará o povo de todas as suas aflições.

Considerações Finais

Podendo ser considerada como o gênero narrativo mais popular da contemporaneidade, a telenovela cada vez mais é vista como um lugar de expressão dos mais diversos sentidos. Hoje, é como se cada personagem pudesse ser reconhecido na vida real, no imaginário social, através dos tipos humanos, dos ambientes e ações cotidianas. Mas estes reflexos nada mais são do que representações do real, uma construção imaginária, onde buscam-se elementos pertinentes para se construir uma realidade familiar, natural e reconhecível. As representações encontradas na



telenovela não podem ser vistas como sendo uma negação total do real, mas como uma transfiguração, que de forma mágica nos seduz, e absorve parte de nossa atenção.

Ansiamos instintivamente sempre por histórias que possam nos levar a contextos aos quais possamos atribuir sentidos. É como se precisássemos sair de nossa história e vivenciar outras, que apesar de serem parte de nosso imaginário não são para nós possíveis.

Maior reconhecimento se dá quando nos identificamos nas histórias que são narradas, quando queremos vivenciar o que vemos na tela, ou quando simplesmente reconhecemos aquela história como parte de nosso repertório, às vezes já inconsciente, como acontece com a telenovela *Cordel Encantado* que misteriosamente nos prende a uma versão do “Era uma vez...”, a partir de uma fábula mítica representada na vida real.

De forma inconsciente, tal reconhecimento pode ocorrer através das formas arquetípicas, que conseguem evocar emoções poderosas nos seus espectadores, despertando uma memória que está adormecida na consciência das coletividades. Nessa questão, o mítico também exerce o seu papel, mostrando que não estamos sozinhos em nossos sentimentos, temores, conflitos e aspirações.

Depois da publicidade que sempre fez uso dos arquétipos para vender seus produtos, e alavancar campanhas de grande sucesso, agora é a telenovela, mas especificamente *Cordel Encantado*, que a partir de suas características de fábula, faz uso de tais artifícios, que já demonstram como resultado profunda diferença em relação às outras telenovelas exibidas no momento.

Consideramos então que tais arquétipos são tão creditáveis de êxito e durabilidade por estes, em essência, refletirem nossas realidade e lutas interiores, bem como por seguirem padrões narrativos já bem conhecidos, que fazem parte de nossa herança psíquica. Assim sendo, é por este motivo que achamos tão irresistível o desenvolvimento de uma história com componentes arquétipos, consagrando-a como um sucesso, como acontece com a telenovela aqui analisada.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, SP: Cultrix/Pensamento, 2007.

COSTA, Cristina. **A milésima segunda noite**: da narrativa mítica à telenovela análise estética e sociológica. São Paulo: Annablume, 2000.



FIGUEIREDO, Ana Maria C. **Teledramaturgia brasileira: arte ou espetáculo?** São Paulo: Paulus, 2003.

JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JUNG, Carl G. **Memórias, Sonhos, Reflexões.** Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2002.

JUNQUEIRA, Lília. **Desigualdades sociais e telenovelas: relações ocultas entre ficção e reconhecimento.** São Paulo: Annablume, 2009.

JACKS, Nilda. **Meios e audiência: a emergência dos estudos de recepção no Brasil.** / Nilda Jacks (Coord.), Daiane Menezes, Elisa Piedras. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **O Herói e o Fora-da-Lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos.** Tradução Merle Scoss. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - 1 Neurose.** Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1981. 5ª edição.

OLIVEIRA, Rodrigo Bomfim; BARRETO, Betânia Maria Vilas Boas. **Telenovela e identidade regional: considerações sobre o papel da ficção televisiva no incremento turístico no sul da Bahia.** Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/>> Acesso em: 23 de maio de 2011.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1990.

<<http://cordelencantado.globo.com/>> Acesso em 25 de maio de 2011.